

ENTRE O LIVRO E O BOBBIE GOODS: ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FLIJUÁ E A INFÂNCIA BASEADA NO CELULAR

Israiane Moreira de Brito¹

Aurilene Rodrigues Lima²

Introdução

Este relato de experiência é fruto da vivência no estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (DCH III), realizado no ano de 2025 em uma escola da rede municipal da cidade de Juazeiro, ao acompanhar uma turma de 2º ano na primeira Festa Literária que ocorreu na cidade.

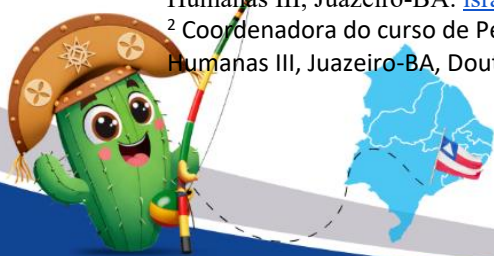
Durante o evento, as crianças tiveram acesso a apresentações artísticas e literárias de autores da região do Vale do São Francisco, além da materialização das políticas de incentivo à leitura por meio de um voucher de R\$70,00 para serem gastos nos stands à livre escolha dos estudantes, como proposta de autonomia na construção de repertório cultural.

No entanto, o que emergiu dessa experiência foi o fenômeno da subjetividade da infância contemporânea. Distante da esperada busca por contos, narrativas literárias e poesia, as crianças direcionaram seu poder de compra majoritariamente para a aquisição dos almejados “Bobbie Goods”, cadernos de colorir e canetas hidrográficas que viralizaram nas redes sociais e se tornaram objeto de desejo de pessoas de faixa etária diversa, demonstrando uma lógica mercadológica de consumo desenfreado do que está em alta nas redes. Essa observação não deve ser encarada de forma simplista como uma mera escolha infantil, mas como um sintoma crítico da transição cognitiva que as novas gerações atravessam e que Haidt chama de “A grande reconfiguração: a ascensão da infância baseada no celular” (2024, p.135).

A problemática aqui desenvolvida não se limita à fragilidade das políticas de estímulo à leitura ou à sua excessiva didatização. O ponto central é a constatação de que o trabalho pedagógico enfrenta, hoje, as mazelas de um mundo hiper conectado. Vivemos uma transição em que o esforço intelectual da leitura perde espaço para a busca por estímulos imediatos e superficiais, moldados pela estética de vídeos curtos como TikTok, Reels e Shorts. Este relato analisa como a formação do *Homo Videns* (Sartori, 2001) e o sequestro da atenção descrito por

¹ Estudante de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas III, Juazeiro-BA. israianebrito@gmail.com

² Coordenadora do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas III, Juazeiro-BA, Doutora em Ciências da Comunicação – USP. arlima@uneb.br



Haidt (2024), impõem um desafio emergente à educação contemporânea na formação de agentes sociais leitores.

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo é o Relato de Experiência, estruturado como uma modalidade de produção de conhecimento científico que transcende a mera descrição de vivências. A construção do texto seguiu a sistematização de Martins e Carneiro (2021), que propõem a transição da ‘experiência próxima’ para a ‘experiência distante’ por meio da análise reflexiva mediada pelo aporte teórico.

A postura adotada foi a de observação participante de caráter qualitativo, cujas teóricas Marcone e Lakato (2011) apontam como técnica essencial para descrever cenário e dinâmicas, permitindo melhor apreensão da realidade. Para fundamentar as reflexões traçadas a partir da observação do consumo cultural das crianças fora dos muros da escola, estabelecendo um confronto entre a expectativa do currículo oficial na formação do leitor com o currículo vivido através do consumo de objetos de baixo estímulo cognitivo, ancorou-se como referencial teórico central em Sartori (2001) e Haidt (2024).

Discussões Teóricas

O cenário observado na Feira Literária de Juazeiro não se trata de um fenômeno isolado, mas o reflexo estatístico de uma crise estrutural na formação leitora nacional. Segundo pesquisas do Instituto Pró-Livro, Fundação Itaú e Ministério da Cultura (2024), a média anual de livros lidos inteiros ou em partes no país é de 3,96, num cenário ainda em declínio se comparado à mesma pesquisa realizada em 2019 (Figura 1). O agravante incide na constatação de que o Nordeste figura como a região com o menor percentual de leitores do país (Figuras 1), com a média de 2,88 livros lidos inteiros ou em parte, o que torna a experiência vivenciada na FliJuá um microcosmo de uma realidade regional latente.



Número de livros lidos por ano*
(Entre todos os entrevistados)



Base: Amostra 2007 (5012) / 2011 (5012) / 2015 (5012) / 2019 (8076) / 2024 (5504)

*Considerando tanto os livros inteiros quanto em partes.

32

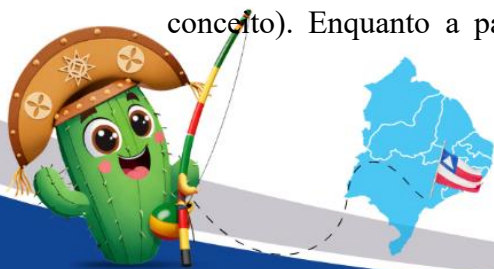
Figura 1: Número de livros lidos por ano

A experiência vivenciada revelou um paradoxo, onde a existência de recursos financeiros e a oferta física de livros não foram suficientes para despertar o desejo literário. O comportamento das crianças expôs uma subjetividade guiada pela lógica dos algoritmos.

A compreensão do desinteresse ou da resistência discente frente à leitura e escrita nos anos iniciais exige uma análise que considere o custo cognitivo desses processos. Conforme apontam Silva et al. (2021), a leitura nos anos iniciais é frequentemente reduzida à decodificação mecânica — o formar sílabas e palavras —, o que a transforma em uma atividade exaustiva e desprovida de sentido para o aluno. Quando o estudante afirma que prefere "ficar em casa tomando café e mexendo no celular" em vez de escrever, ele está expressando o peso de um processo que exige um esforço neurocientífico de abstração para o qual ele não vê recompensa imediata.

Nesse estágio de alfabetização, a criança afere que a obra literária impõe um trabalho denso: ela precisa processar o símbolo, traduzi-lo em som e, só então, construir a imagem mental e o conceito. Em contrapartida, o contato com o "Bobbie Goods" ou com as telas oferece o que se pode chamar de descanso cognitivo. A imagem pronta e o estímulo visual entregam o prazer estético de forma instantânea, sem a necessidade da mediação simbólica.

Essa preferência pelo pictórico encontra fundamentação teórica na obra de Sartori (2001), que define o homem contemporâneo como *Homo Videns*. Para o autor, a cultura visual treina o indivíduo para uma percepção passiva, onde o *visus* (o ver) destrona o *logos* (a palavra/o conceito). Enquanto a palavra exige abstração e pensamento crítico, a imagem "atrofia a



capacidade de entender”, pois substitui o conceito pela representação visual direta. No contexto da sala de aula, isso explica a negação de alunos em realizar produções escritas; para uma geração imersa na cultura da imagem, a escrita é sentida como um fardo anacrônico, enquanto a imagem pronta satisfaz o desejo de fruição sem o “vaivém do pensamento para a palavra” que Vigotsky (1995) descreve como essencial para o desenvolvimento funcional.

Portanto, conforme discutido por Silva et al. (2021), se a prática docente não ultrapassar a barreira da decodificação e não criar uma cultura de leitura que ofereça um prazer capaz de competir com a passividade da imagem, a alfabetização continuará sendo percebida como uma tarefa árdua. A resistência do aluno não é só uma recusa ao dever, mas um reflexo de uma sociedade que, como alerta Sartori, está trocando a complexidade do pensamento abstrato pela facilidade da percepção visual.

Com a ascensão da infância baseada no celular onde “nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes” (Krenak, 2020, p.24), consumidoras passivas de um sistema e uma cultura que criamos, Haidt (2024) afirma que o cérebro infantil passa por reconfigurações: a atenção é fragmentada e reduzida em função do uso excessivo de telas (smartphones especificamente), principalmente em idades em que o córtex pré-frontal ainda está em fase de desenvolvimento. É possível então aferir a lógica – ainda que em discordância – da preferência de um cérebro condicionado por vídeos curtos por um livro de colorir de baixo fluxo, negando o “esforço” de ler, interpretar e imaginar exigido pela leitura.

As crianças da turma, imersas em uma cultura onde a atenção é fragilizada por vídeos curtos e suas respectivas funções de aceleração, demonstram dificuldade em engajar-se com narrativas longas e um obstáculo neurológico que dificulta o acesso ao prazer em algo que não oferece o controle, a velocidade e o brilho da tela, buscando nos livros de colorir um refúgio ansiolítico. O ato de colorir torna-se uma performance para consumo visual, muitas vezes mimetizando trends das redes sociais, em vez de um ato de criação artística genuína. Como aponta Sartori (2001) sobre o *Homo Videns*, a primazia da imagem passa a empobrecer a capacidade de abstração.

Na feira, o que se viu foi a vitória do algoritmo sobre a curadoria pedagógica: as crianças desejavam o que as telas disseram ser desejável, evidenciando que a formação de leitores hoje enfrenta a concorrência desleal de uma indústria de entretenimento projetada para viciar a atenção infantil. Ao distribuir vouchers crê-se na democratização do acesso, mas o acesso técnico, por si só, não derruba os muros do bloqueio cognitivo. A fragilidade da educação não



é apenas pedagógica, mas estrutural. O professor tenta promover o ato de ler para uma criança cujas estruturas de atenção foram moldadas para o entretenimento passivo. O trabalho docente hoje é, antes de tudo, uma tentativa de desintoxicação cognitiva, tentando provar que o esforço de ler uma história traz uma recompensa mais profunda do que o prazer efêmero de colorir um desenho destituído de contexto.

Conclusões

A experiência na FliJuá revela que o desafio da formação leitora hoje é indissociável da crítica à infância mediada por telas. A oferta de recursos financeiros, o voucher, foi uma estratégia de fomento necessária, porém insuficiente quando isolada de um projeto contínuo de literacia profunda. A preferência infantil por objetos de baixo estímulo cognitivo como os "Bobbie Goods", evidencia que o mercado e os algoritmos moldam o desejo mais que as políticas tradicionais de incentivo à leitura. Urge que a educação brasileira enfrente as consequências da ascensão do uso indiscriminado de celulares e redes sociais. Trata-se de reconhecer que a infância está perdendo o acesso ao mundo simbólico.

Para que o ler seja libertador, as políticas de fomento precisam ser acompanhadas de uma reestruturação do cotidiano escolar, que priorize a desintoxicação digital e a reconstrução do foco, em busca do reencanto pela experiência humana no mundo, com curiosidade e criticidade. O desafio, longe de ser utópico, é uma urgência política: ou enfrentamos o impacto das *big techs* sobre a mente infantil, ou teremos gerações que, embora cercada de livros, permanecem cativas na superfície da imagem.

Por fim, Krenak instiga: “Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras?” (Krenak, 2020, p.68.)

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Festa Literária FliJuá; Formação Leitora; Infância Baseada no Celular; Bobbie Goods.

Referência Bibliográfica

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa:** Como a infância do brincar foi substituída pela infância do telefone. Tradução de Lígia Capobianco. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.



INSTITUTO PRÓ-LIVRO; FUNDAÇÃO ITAÚ; MINISTÉRIO DA CULTURA. **Retratos da leitura no Brasil** – 6ª edição. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em:

<https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%C3%A7%C3%A3o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2025.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo – 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira; CARNEIRO, Relma Urel Carbone. O relato de experiência como produção de conhecimento: orientações metodológicas. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 21, n. 68, p. 306-331, jan./mar. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060. Acesso em: [6 de mai. 2026].

SARTORI, Giovanni. **Homo videns**: televisão e pós-pensamento. Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, Cleidiane Gonçalves da; PIMENTEL, Cristiane Moraes; PAIXÃO, Eliane Maria de Lima; CAMPOS, Jucilene Pinto de; NOGUEIRA, Sandra Aparecida. **A prática da leitura no ensino fundamental**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v.7, n.10, p.2492-2501, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.2854>. Acesso em: [7 de mai. 2026].

VIGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

